
EDITORIAL

Escrever é o processo mais misterioso e é como um problema exponencial: quando você se senta para começar a escrever algo, tem um papel em branco tenebroso à sua frente e não sabe por onde começar. Assim, a primeira coisa que você escreve, você já pensa: “que fracasso, eu não sei do que estou falando, não tenho nada para escrever.” E isto continua por algum tempo. Você começa uma parte, fica travado, começa outra parte, trava de novo. Mas, de algum modo, magicamente, após muitas tentativas, a coisa começa a decolar, um pouquinho, um pouquinho mais e, ufa! Decola de vez e tudo que pode fazer é agarrar as ideias rápido o suficiente para prendê-las ao papel. É muito, muito estranho, mas há algo de mágico nisso.

(INGOLD, 2011)

Envolver-se com a escrita situa-nos num universo além das palavras e mobiliza um corpo ensejado pela prática da pesquisa. Entre o mundo da pesquisa, empírica ou teórica, e sua comunicação por revistas acadêmicas e congressos, pesquisadores trilham caminhos diversos e muitas vezes solitários na construção de suas ideias. Comunicar, então, aponta um caminho para o qual a solidão do diálogo com os dados e os argumentos teóricos cede espaço para a conversa, dando vida e desdobramentos muitas vezes não imaginado por seu autor. O texto então passa a emaranhar, no presente, parceiros de um passado envolvidos na construção da pesquisa com seus futuros leitores, que tornarão imprevisíveis seus deslocamentos.

Como reiterado em todas as edições, a Revista Prelúdios continua como espaço de fluxo para as produções dos discentes em Ciências Sociais. Nesta edição, mantemos a diversidade de temas que caracteriza as publicações anteriores. Os artigos que apresentaremos adiante circulam desde a profícua discussão sobre as classes sociais no campo das ciências sociais até questões contemporâneas que envolvem o ambiente e as práticas científicas de ordenamento do mundo social e natural. Além desses debates, os processos de deliberação nos comitês relacionados às bacias hidrográficas, o modo como a geografia do voto e dominância eleitoral classificam os padrões de comportamento dos políticos, em três eleições para deputado estadual na Bahia, e a questão de luta por moradia a partir do documentário *Sonho Real*, compõem esta edição.

Por fim, questões sobre o corpo são discutidas a partir de estilo musical muito bem conhecido nas ruas soteropolitanas: o pagode.

As questões ambientais estão na ordem do dia entre o mundo da ciência e a política. Ainda pouco explorada pelas ciências sociais, a discussão sobre o ambiente assume contornos teóricos na proposta de Yeisa Herrera, autora do artigo que abre a quarta edição da revista. Com o intuito de compreender o atual movimento ensaiado pela ciências sociais, a autora propõe uma articulação entre as dimensões cultural, ambiental e o desenvolvimento sustentável, como forma de pensar a problemática entre o indivíduo, a sociedade e o ambiente. A partir de exemplos do contexto cubano, a autora propõe pensar além da sonolência antropocêntrica soluções alternativas à crise que envolve a questão ambiental.

No segundo artigo desta edição, Israel Rocha apresenta uma discussão que envolve o campo dos estudos de ciência e tecnologia a partir de dados de uma pesquisa em um laboratório de terapia celular. Ainda em desenvolvimento no Brasil, os estudos de ciência tem reiteradamente discutido a questão da ciência a partir de sua prática cotidiana. A mesma deixa de ser tratada como um universo hermético e apenas acessível aos iniciados, e passa a ser considerada uma prática que pode ser analisada por sociólogos e antropólogos, descrevendo os detalhes que envolvem as práticas científicas.

As classes sociais a partir das perspectivas de Pierre Bourdieu e E. Thompson é o foco do trabalho desenvolvido por Fernando Larreia. A partir de uma análise dos conceitos mais frequentes no trabalho de Bourdieu, Larreia apresenta a crítica deste autor à noção de classe social baseada na discussão econômica, apresentando em seguida uma aproximação com o trabalho de Thompson. Um dos pontos centrais da análise do autor destaca o modo como os autores permitem perceber as classes sociais em termos relacionais. Permite-se, assim, que se perceba a classe social como um fenômeno social produzido material e simbolicamente no desenvolvimento da sociedade.

O quarto artigo da revista discute os modos de deliberação em comitês que discutem a implementação de políticas públicas no Brasil. O caso das bacias hidrográficas do Brasil é o mote para o argumento de Isabela Santana. Suas observações apontam para o modo como a organização prática dos comitês permite a participação de poucos setores da sociedade, sendo os demais colocados em posição de coadjuvantes do processo. Esta participação distribuída desigualmente entre os membros dos comitês está relacionada, para a autora, às relações de poder entre os atores envolvidos no processo. Por isso, o comitê, como mecanismo que mobiliza atribuições de caráter consul-

tivo, normativo e deliberativo, ainda requer tempo de maturação para se tornar experiência concreta de espaço democrático e de socialização do poder.

Continuando com a discussão sobre a questão democrática, o artigo de Vladimir Meira Nunes discute os modos pelos quais é possível pensar os padrões de comportamento político dos parlamentares e partidos, a partir de seus redutos e estratégias eleitorais. A partir dos conceitos de geografia do voto e a dominância eleitoral, o autor aponta para o compartilhamento dos redutos eleitorais entre os parlamentares baianos e a limitação em afirmar que a votação segue linhas governistas.

O penúltimo artigo desta publicação aborda as representações sociais mobilizadas pelo cinema documentário, para questões relacionadas à luta por moradia. A partir do filme documentário *Sonho Real*, alguns elementos como o déficit habitacional, disputa coletiva dos espaços urbanos e o uso da força policial são discutidos por Rodrigo Lessa. Centrado na análise da construção das representações pelo documentário, o autor destaca o compromisso com a objetividade; o levantamento de circunstâncias do mundo da vida, focadas na narrativa da luta pela moradia e a construção de uma perspectiva orientada pelo horizonte dos segmentos sociais oprimidos.

Concluindo a edição, Mariana Bittencourt apresenta uma discussão sobre um dos estilos musicais mais populares na cidade de Salvador. Ao abordar o pagode baiano, a autora procura analisar questões que envolvem o corpo, sexualidade, gênero e questões raciais. Ao questionar o modo como o corpo é mobilizado a partir das danças, a autora aponta a dimensão de um corpo encarnado, presente na fenomenologia. Neste sentido, Bittencourt situa um corpo que é engendrado pelo movimento e continuamente costurado pela prática musical. O pagode dimensiona e reposiciona o corpo, masculino, enfatizado por Bittencourt, em uma plasticidade que constrói uma identidade situada numa posição histórica e social.

Se escrever envolve um misterioso engajar-se com a escrita, como nos situa Ingold, a comunicação dessa experiência envolve uma abertura para o desconhecido. O universo relacional autor-leitor. E é a partir dessa abertura para o novo que a Revista *Prelúdios* o convida para mais um movimento através das páginas que se seguem.

Boa leitura.

